

New New Bedford

Manuel Calado

Em New Bedford aportou meu barco
Na noite de 3 de Maio de 1948.

A noite era calma e fria, não havia lua
E as árvores em correnteza, ao lado da rua
Lançavam as primeiras folhas de primavera.
No cais lançou ferro o meu barco lusitano
E eu, único tripulante,
Declarei a medo, hesitante
Que vinha em demanda do “sonho americano.”

Quem me ouviu, sorriu e não acreditou
Que os sonhos, só de noite são reais.
Do “barco” saí e fui explorar o cais
As docas cheirando ainda a óleo de baleia
Recordando que em todo aquele estendal
De pedras gastas e poídas pelos anos
Ali trabucaram as albarcas
dos baleeiros açorianos
Do Pico e do Faial

Era preciso olear as rodas
da industrial revolução.
E os ferozes capitães dos baleeiros
Foram em demanda de arpoadores e tanoeiros
Até às terras vulcânicas dos Açores.

E aqui chegaram esses pioneiros
Barbados, rijos, altaneiros
Dispostos a alargar Portugal.

E assim se foi criando, junto ao cais
A chamada “rua do Faial.”
E muitos dos que vieram
À terra não voltaram jamais.

Esta é New Bedford, terra baleeira
Para quem a baleia foi o Eldorado
E que ainda hoje mostra a beleza de museu
Dos seus velhos palacetes de Madeira.

E o açoriano por cá foi ficando
Agarrando-se ao chão, como à rocha a lapa
Cultivando a couve e a batata
Trabalhando na fábrica e na construção
Lavrando a terra e mungindo a vaca.
Que na terra e no mar eram experientes
Castigados de piratas e maremotos
Fomes, vendavais e terramotos.

E me disseram então
Na noite da chegada do meu barco
Que esta era uma cidade portuguesa
Criada para albergar
Aqueles que as ilhas não podiam sustentar.

E eu vim, e fiquei
No meio desta gente boa
Devota do Santo Cristo, Espírito Santo
E Santo António de Lisboa
E o sonho do Eldorado
Ficou temporariamente adiado
Sem saber até quando

porque as pessoas que na rua se encontravam
umas às outras apenas perguntavam:
“Tás trabalhando?”

E vi então
como era importante
Para esta gente portuguesa
O trabalho, toda a sua riqueza.

Aqui, em New Bedford
Ancorei meu barco lusitano
Enamorado desta gente ilhoa
E acabei um dia por tirar
Os meus “papéis” de açoriano.